**O JOGO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO[[1]](#footnote-1)**

STAUB. M[[2]](#footnote-2)

SKRSYPCSAK. D[[3]](#footnote-3)

**RESUMO:** Falar sobre educação é sempre necessário, refletir sobre os problemas nela existentes é urgente. Os frequentes fracassos e índices altos de evasão escolar, são reflexos de uma educação que não atinge a heterogeneidade de aprendizagem. A psicopedagogia, vem com o objetivo de auxiliar, inúmeras crianças que possuem dificuldades na aprendizagem, ou que por alguma questão neurológica, apresentam atraso escolar. A psicopedagogia auxilia o educando a descobrir sua melhor forma de aprendizagem, ao mesmo tempo que a potencializa. No presente artigo, objetiva-se compreender o jogo tendo como referência a perspectiva histórico-cultural, entendendo o mesmo como ferramenta de aprendizagem, principalmente para crianças com dificuldades e distúrbios de aprendizagem, por meio do trabalho de um psicopedagogo. De acordo com a pesquisa, compreende-se o jogo como ferramenta indispensável para o atendimento psicopedagógico, possibilita ao profissional, uma percepção da totalidade da criança, pois, no instante que a criança joga, ela está trabalhando cognitivamente, ao mesmo tempo que movimenta seu corpo e trabalha com suas emoções.

**Palavras Chave:** Jogo; Psicopedagogia; Histórico-Cultural; Aprendizagem.

**ABSTRACT:** Talking about education is always necessary, reflecting on its problems is urgent. Frequent weaknesses and high dropout rates reflect an education that does not achieve learning heterogeneity. Psychopedagogy, with the objective of helping, countless children who have difficulties in learning, or who due to some neurological issue, have school delay. Psychopedagogy helps the student to discover his or her best form of learning while enhancing it. This article aims to understand the game as a historical-cultural, as well as a learning tool, especially for children with learning difficulties and disabilities, through the work of a psychopedagogue. According to the research, the game is understood as an indispensable tool for psycho-pedagogical care, because it allows the professional, a perception of the totality of the child, because the instant the child plays, she is working cognitively, while moving your body and work with your emotions.

**Keywords:** Game; Psychopedagogy; Historical-Cultural; Learning.

**INTRODUÇÃO**

Aprender é um processo tão amplo, que perpassa toda nossa vida. Uma construção que se inicia já no ventre da mãe, ocorre por diversos meios em todos os lugares, na família, no convívio social, na escola. O processo de aprendizagem de uma criança, já foi e ainda é, fonte de pesquisa e descobertas. Neste sentido, torna-se de indispensável, conhecer o processo de aprendizagem das crianças para realizar uma mediação de qualidade.

Ao analisar os processos de aprendizagem, Vigostski e seus colaboradores, dedicaram-se a compreender a função que as questões históricas, culturais e sociais exercem sobre o desenvolvimento do indivíduo. A partir de uma revisão bibliográfica pretendemos aqui refletir sobre o jogo e seu uso educativo, de acordo com a teoria Histórico-cultural, visto que, o jogo, constitui-se socialmente em um tempo e em uma cultura.

O jogo, possui múltiplas utilidades, neste artigo, no entanto, busca-se, vê-lo como uma ferramenta educacional, capaz de auxiliar e potencializar o aprendizado. Atuando como ferramenta para psicopedagogos. Profissional este, que busca compreender e auxiliar a aprendizagem, de acordo com as características de cada indivíduo.

O trabalho está estruturado de modo a contemplar as discussões acerca da conceituação do jogo, olhando sobre o prisma da teoria histórico-cultural. Também traremos uma breve conceituação da psicopedagogia e sua atuação nos dias atuais procurando estabelecer uma ponte com o uso dos jogos nos atendimentos psicopedagógicos.

Longe de pretender esgotar as possibilidades de discussões sobre o tema, o que nos cabe é ampliar o debate e trazer à tona algumas necessidades, principalmente no uso do jogo como recurso psicopedagógico, seja escolar ou clínico, tendo como referência uma base teórica consistente. Convidamos a todos para mergulhar na leitura e se sentirem provocados.

**1 O JOGO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

A aprendizagem, é elemento intrínseco ao ser humano, que pode ocorrer de diversas maneiras. Ocorre com maior facilidade quando é envolvido de prazer, emoção, magia, estas situações estão presentes em situações de jogos. Justificando assim o envolvimento das crianças quando estão jogando.

Para compreender os jogos na atualidade, é importante abordar a questão histórica refletida a partir da perspectiva Histórico-cultural de Vigotski, Luria, Leontiev, Elkonim e demais autores que se debruçam com o tema.

A teoria Histórico-cultural, tem sua origem ligada ao pensador Lev Semenovich Vigostki, a partir de um sentimento de revolta, com a estagnação da psicologia do século XX. Na época os experimentos realizados pela psicologia, restringiam-se ao laboratório, “sons e luzes isolados ou sílabas sem sentido eram os estímulos favoritos que serviam para provocar o comportamento” (LURIA, 2001, p.23). Vigotski, salientou então que, através desta metodologia estava se excluindo todos os processos psicológicos superiores. (LURIA, 2001, p.23)

Influenciado por Marx, Vigotski concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente vivo no processo de criação deste meio. (LURIA, 2001, p.25)

Este estudo foi chamado por Vigotski de psicologia “cultural”, “histórica” ou “instrumental”. Cada um destes traços, definindo uma maneira diferenciada de estudar a psicologia e compreender o homem e seus comportamentos. Estando os três aspectos desta teoria, intimamente ligados ao desenvolvimento infantil.

Após a constituição deste novo estudo, Vigotski, aliou-se a Leontiev e Luria para aprofundar os estudos. Justificando, que a psicologia é cultural, pois todo processo é uma mistura de influências naturais e culturais. É histórica, pois é a partir dos comportamentos dos povos antepassados que se compreende os atuais. E instrumental, pois os instrumentos são usados durante as ferramentas. (LURIA, 2001, p.33)

O aprofundamento dos estudos, possibilitou concretizar os estudos, caracterizando-os como teoria histórico-cultural. Estabelecendo que o conhecimento não ocorre no individual e depois alcança o social, mas o contrário, o pensamento socializado que se torna individual, de acordo com os processos já constituído a partir de suas vivências.

Sendo assim, o desenvolvimento se constitui por meio das mediações, histórico e culturalmente oferecidas. Tornando as funções psicológicas elementares que são controladas pelo meio, em funções psicológicas superiores, que tornam processos como a memória, a percepção e o pensamento, como atividades capazes de serem autorreguladas.

Neste sentido, Leontiev (2001) classifica o jogo a atividade principal da criança na infância pré-escolar, que possibilita a apropriação de atividades ligadas a cultura, religião, trabalho e outras áreas desempenhadas por adultos.

Sendo o jogo considerado elemento facilitador

configurando não apenas formas de pensar, mas também maneiras de sentir, observar, cheirar, tatear, andar, saltar, rir, chorar, chutar, enfim, os jogos funcionam como verdadeiras pontes dialéticas na apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade e também na objetivação de relações gnosiológicas, sociais, culturais, éticas, estéticas e também lúdicas. (PICOLLO, 2010, p.09).

Dessa forma amplia as relações sociais entre as crianças, que de acordo com Leontiev, Elkonin e Vigotski são as principais fontes de aprendizagem. Pois os períodos de desenvolvimento, não devem se limitar a contagem cronológica, mas sim, as relações sociais as quais a criança está exposta.

Busca-se constituir uma análise, a partir da concepção dos autores acima citados, de que o jogo é um fator social, capaz de desenvolver habilidades nas crianças de forma intrínseca. Além disso, é um instrumento de aprendizagem prazeroso e lúdico.

O jogo, é elemento constituinte na infância das pessoas, afinal que não recorda de algum jogo que vivenciou na infância? Neste sentido Elkonin expressa um conceito completo sobre o jogo

[...] os jogos estão relacionados com a diversão, passatempo, manipulação ou movimentação corpórea, presença de riscos que não podem ser materializados na vida cotidiana, sendo, destarte, uma atividade livre, pois o jogador não é obrigado a participar de tal processo; delimitada, já que está circunscrita aos limites de espaço e tempo; regrada, posto não haver jogos sem regras, inclusive os protagonizados, apesar das situações fictícias aí criadas; improdutiva em termos materiais (não geram, produzem ou reproduzem riquezas, quando muito, podem movimentá-las), mas, extremamente produtiva no que tange ao desenvolvimento do ser humano. (1998 *apud* PICOLLO, 2010, p. 94).

E é devido a essas características supracitadas, que o jogo se constitui de forma importante e decisiva nas crianças. Diversão, refere-se ao aspecto emocional, que está voltado inteiramente para o momento do jogo. Delimitada e regrada, aspectos que envolvem a cognição do participante. Ao falarmos de cognição é imprescindível, refletir sobre o estudo de Vigostki quanto ao desenvolvimento das funções superioras.

De acordo com Vigostki (2001), as funções psicológicas como a memória, a atenção, o pensamento e a percepção, aparecem inicialmente no fator biológico, primário, no entanto, precisam do fator social, que é desenvolvido através do jogo, para se tornarem funções psicológicas superiores. Esta passagem do primário as superiores, ocorre através da vivência de atividades reais ou simuladas através de jogos, que permitem que a criança aprenda a se autorregular.

2.1 O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO

A educação concebe-se nos dias atuais como parte integrante da vida dos indivíduos. Esta, ocorre nos mais diferentes espaços, durante a vida inteira. A escola, no entanto, é um espaço específico de educação, em que os profissionais devem buscar desenvolver a aprendizagem da melhor forma possível. Embora este seja o objetivo, percebe-se incansáveis casos, em que a aprendizagem não ocorre de acordo com o que se espera para a idade biológica da criança, devido a diversos fatores. E é nesse contexto que alguns profissionais, buscam compreender a maneira em que ocorre a aprendizagem, entre estes profissionais está o psicopedagogo.

A psicopedagogia iniciou-se através da pedagogia. Mas é na filosofia, neurologia, sociologia, lingüística e psicanálise que ela encontra a compreensão deste processo. Essas áreas fornecem meios para refletir cientificamente e operar no campo psicopedagógico. Caracteriza-se por uma área de confluência do psicológico e do educacional. (BOSSA, 1996, p.01).

De acordo com Furtado (2008, p.11) “a psicopedagogia é uma área de conhecimento interdisciplinar, que tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. É papel fundamental do psicopedagogo potencializá-la e atender às necessidades individuais no decorrer do processo. ” Com uma atenção diferenciada, o psicopedagogo, deve trabalhar com a individualidade do aprendiz, através de um olhar holístico, identificar suas potencialidades, de maneira que sejam capazes de superar suas dificuldades.

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia [...] Portanto, vemos que a Psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como esta aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhece-las, tratá-las e preveni-las? (BOSSA, 2011, p.33).

Desta forma, o psicopedagogo, realiza o intermédio de questões que ultrapassam os limites da pedagogia e da psicologia, que se constituem de questões fisiológicas e sociais, sem, no entanto, ocupar a função de nenhum dos dois profissionais citados acima.

O papel do psicopedagogo fundamenta-se, sobretudo, nas dificuldades que podem acontecer nesse processo, de maneira que o mesmo, provavelmente, possa desvelar os obstáculos que estão impedindo o sujeito de aprender para que consiga, assim, oportunizar possíveis meios para intervir adequadamente junto ao problema. (ANJOS, DIAS, 2015, p.03).

A psicopedagogia como ressaltada pelas autoras citadas acima, refere-se a identificar o problema, não para culpa-lo, mas para encontrar possíveis ferramentas para superá-los ou aprender a trabalhar com eles.

Da mesma forma Bossa (2011) analisa o fazer psicopedagógico, sendo que este engloba todos os fatores que permeiam a complexidade do aprender, para tanto se faz necessário, que além de conhecimentos teóricos, tenha sensibilidade para perceber o que está além do escrito, desenhado ou falado. Que saiba sentir, o que está por trás de movimentos, atitudes e até do próprio silêncio.

Ao falar sobre a psicopedagogia, nota-se que o termo engloba uma amplitude de temas e áreas de estudo e pesquisa. Fazendo-se necessária a reflexão sobre a atuação do psicopedagogo. Em que momentos este se faz necessário? Ele está apto a fazer o que? Quais as áreas de atuação?

Quanto a ação, a psicopedagogia pode

adquirir caráter preventivo, clínico ou terapêutico, empresarial e hospitalar. No que diz respeito à prevenção, pode-se destacar a orientação de professores na escola, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço. Na área clínica, o psicopedagogo atua na realização de diagnósticos e intervém nos problemas de aprendizagem e, na área empresarial, realiza trabalhos de treinamento pessoal e auxilia na melhoria das relações interpessoais na empresa. A área hospitalar é ainda pouco difundida dentro de psicopedagogia. (FURTADO, 2008, p.12).

Ao falar de caráter preventivo, é essencial lembrar que para facilitar o processo de aprendizagem, o psicopedagogo, deve ir além do espaço escolar, intervindo com os três âmbitos da aprendizagem: família, escola e educando. Pois de acordo com Acampora (2015) o psicopedagogo “preventivamente deve atuar não só no âmbito escolar, mas alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento” (p.17). Desta forma, a área preventiva da psicopedagogia, desempenha papel imprescindível. No entanto, é pouco difundida em nossa região, sendo que são raras as escolas ou secretarias de educação que podem contar com o auxílio de um psicopedagogo.

Por outro viés, a psicopedagogia pode ser terapêutica, quando o problema já se manifestou, cabe ao psicopedagogo, identificar a origem do “problema”, analisar e planejar estratégias de intervenção clínica e institucional.

A psicopedagogia clínica, tem como objetivo o atendimento individualizado, a partir de uma queixa escolar ou familiar. Segundo Acampora (2015, p.19) “na clínica, o psicopedagogo, por meio do diagnóstico, irá identificar as causas dos problemas de aprendizagem”, este diagnóstico surge de um processo intenso, que reflete sobre todas as questões que constituem uma criança, Weiss (2016, p.31) afirma que “nessa investigação não se pretende classificar o paciente em determinadas categorias nosológicas, mas sim obter uma compreensão global da sua forma de aprender e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo”.

O atendimento clínico psicopedagógico, só ocorre por meio do interesse da família, pois é esta, que fará a busca e o acompanhamento dos atendimentos, diferente da atuação do psicopedagogo na escola. O psicopedagogo clínico atua como mediador, planejando atividades e testes para o diagnóstico, assim como, observador, que é a capacidade de perceber as manifestações intrínsecas e extrínsecas da criança.

Busca-se do clínico exatamente a unidade, a coerência, a integração que evitariam transformas a investigação diagnóstica numa “colcha de retalhos” com a simples justaposição de dados ou com mera soma de resultados de testes e provas. Na ação diagnóstica, estaremos recorrendo sempre a conhecimentos teóricos e práticos, sob determinada perspectiva metateórica [...] poderíamos afirmar que o diagnóstico pode ser visto *lato sensu* como uma pesquisa-ação. (WEISS, 2016, p.31).

Na clínica, o psicopedagogo, atua de maneira direta com a criança, através de sessões semanais, que perduram de 45 a 60 minutos, assim como mantém contato com a família e a escola.

Portanto, o psicopedagogo clínico, traça hipóteses através de suas leituras, planeja intervenções e confirma ou não suas hipóteses, através dos resultados ele elabora seu diagnóstico. Após o diagnóstico, o profissional, em seus atendimentos, buscará atividades que possam potencializar as qualidades do paciente a ponto que elas sejam capazes de superar as maiores dificuldades.

O objetivo do diagnóstico, é identificar os “obstáculos básicos do modelo de aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem no nível esperado pelo meio social” (WEISS, 2016, p.35). O modelo de aprendizagem que Weiss (2016) se refere, é o conjunto de estruturas de conhecimento que o sujeito já estabeleceu, de que forma aprende, o ritmo, por meio de que áreas se expressa, o funcionamento cognitivo, as motivações intrínsecas e extrínsecas, possível ansiedade, defesa e conflito com o aprender.

Devida a amplitude de um diagnóstico, é necessário que o psicopedagogo o prepare de maneira que possa identificar todas as questões acima citados, para isso fará o uso de diferentes ferramentas. O diagnóstico é composto por vários momentos, que são estabelecidos a partir do primeiro contanto com o paciente.

Há momento de anamnese, só com os pais, de compreensão das relações familiares em sessão com toda a família presente, de avaliação da produção pedagógica e de vínculos com objetos de aprendizagem escolar, busca da construção e funcionamento das estruturas cognitivas (diagnóstico operatório), desempenho em testes de inteligência e visomotores, análise de aspectos emocionais por meio de testes expressivos, sessões de brincar e criar. (WEISS, 2016, p.39)

Os momentos podem variar de acordo com o decorrer das sessões, caso o psicopedagogo note a necessidade de explorar mais alguma das questões acima citadas. Já durante o diagnóstico será construída uma relação entre o psicopedagogo e o paciente, e grande parte da validade e qualidade do diagnóstico se dará de acordo com esta relação.

O paciente, precisa se sentir seguro e livre para ser natural, por isso, é necessária a confiança no psicopedagogo. Quando os pais, buscam atendimento apenas para diagnóstico, sem um objetivo de posterior intervenção, “é preciso que haja um limite no número de sessões diagnósticas” (WEISS, 2016, p.37), isso para evitar que se crie um vínculo muito forte entre o psicopedagogo e a criança que posteriormente será cortando, provocando a frustração. Recomenda-se que nestes casos sejam realizadas dez sessões para diagnóstico.

Nos casos em que o pais pretendem, realizar as intervenções não existe um limite de sessões diagnósticas, sendo que, o psicopedagogo poderá fazer intervenções e ainda estabelecer questões diagnósticas.

Após o diagnóstico, ocorre o que é chamado de intervenção, ou então, tratamento. Através deste, busca-se reestabelecer o prazer pela aprendizagem. Sendo que, é dever do psicopedagogo, possibilitar não apenas aprendizagem escolares, mas sim, momentos que ela possa desenvolver autonomia para desempenhar atividades sociais diárias, como ir ao mercado, à uma loja, ao cinema ou até mesmo as atividades domésticas.

O tratamento, pode variar de acordo com os dados levantados durante o diagnóstico. É importante que o psicopedagogo saiba distinguir, as questões que podem ser tratadas por ele, e as questões que devem ser encaminhadas a outros profissionais como: dificuldades na fala – fonoaudiólogo, questões comportamentais e psicológicas da criança ou da família – psicólogo.

A psicopedagogia institucional, refere-se à atuação do psicopedagogo em instituições, sejam empresas, hospitais, creches ou organizações assistenciais. A psicopedagogia institucional, vem para auxiliar nos problemas enfrentados pelos sujeitos. Na escola, atua principalmente na relação professor-aluno, com problemas que podem se relacionados a disciplina e a dificuldade de aprendizagem, que por sua vez, pode estar vinculada a essa relação ou não, de acordo com Barbosa (1998).

Sendo assim, institucionalmente, o psicopedagogo na escola, inicialmente assume papel de observador, buscando conhecer a origem dos “problemas”. Em seguida, juntamente com o professor, ou equipe pedagógica, dependendo da amplitude da problemática, devem pensar estratégias que possam auxiliar a resolução dos problemas. Ou seja, diferentemente do psicopedagogo clínico, o institucional não atua diretamente com as problemáticas, mas atua como suporte através de ideias e sugestões.

Pensar a instituição escolar sob a luz da psicopedagogia conforme Bossa (2011, p.143) “significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade”, desta forma, o psicopedagogo, usará de seus conhecimentos e sua sensibilidade para, buscar alternativas e intervir em questões relevantes.

Uma vez, o profissional inserido na instituição escolar,

transforma a atenção individual em grupal, analisa o sintomas, considerando a gama de relações que existem numa instituição, e propõe projetos de atuação que apontem para uma mudança global, sem deixar de atender os casos concretos que aparecem como sintomas das tensões existentes na instituição. É preciso conceber a realidade como inteira e tratar os problemas individuais em relação ao contexto em que são produzidos, além de compreender sua natureza interativa. (BARBOSA, 2001, p.64).

É pertinente refletir, que a escola acolhe no seu cotidiano, uma variedade de alunos e profissionais, além de sofrer os reflexos dos problemas sociais trazidos por cada um dos indivíduos, tudo isso torna a escola um ambiente complexo. O psicopedagogo através da investigação, é o responsável por apontar soluções para problemas de aprendizagem e indisciplina.

Para sanar dificuldades enfrentadas pela instituição escola, Bossa (2011) compreende, que é fundamental, debruçar-se sobre a formação do professor, oferecendo-lhe condições para estabelecer uma relação madura e saudável, dando a ele condições de compreender certas atitudes adversas manifestadas pelos alunos.

A formação e o papel de psicopedagogo, perpassa a complexidade de trabalhar com pessoas, seja na ação preventiva ou clínica. A intervenção psicopedagógica deve conduzir o ser humano a aprendizagem, usando como elemento facilitador a afetividade, sendo assim, a intervenção, não se limita ao uso de testes e análises criteriosas, mas sim, o manejo e compreensão dos afetos.

2.1 O JOGO NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO

O objetivo do presente trabalho, foi refletir sobre o uso do jogo como recurso psicopedagógico. Neste sentido, ao analisar os dados, busca-se compreender de que maneira o jogo pode participar do processo de ensino-aprendizagem de crianças que necessitam de atendimento do psicopedagogo.

Ao procurar um atendimento psicopedagógico, geralmente a criança já convive com uma queixa, que muitas vezes pode ter resultado num rótulo, sendo que inicialmente o psicopedagogo deve trabalhar com a autoestima da criança.

Na ação psicopedagógica é essencial valorizar a pré disposição da criança e a criatividade para brincar e criar, pois assim como ressalta Moschini e Caierão (2015, p. 362)

se faz necessário nutrir a própria autoria e a permissão para o brincar, a fim de descobrir nossa singularidade, nossa diferença, nossa marca e, partindo disso, abrir espaços potenciais. Só assim é possível construir esses espaços em tempos que se acredita que as máquinas tendem a substituir-nos como sujeitos pensantes e desejantes. Assim, torna-se imperioso nosso trabalho de abrir espaços de criatividade.

Além do fator criatividade, o jogo proporciona a criança a sensação de prazer, que a levará ao encantamento e no desenvolvimento do laço afetivo entre psicopedagogo e criança. Compreende-se, que o ponto de partida em atendimentos psicopedagógicos, é o estabelecimento de uma relação entre psicopedagogo, criança, família e se necessário a escola. Para que essa relação seja produtiva é necessário, que principalmente a criança, confie no profissional, ponto este que o jogo é crucial.

Inicialmente o psicopedagogo poderá fazer uso do jogo como ferramenta diagnóstica. O diagnóstico psicopedagógico, geralmente constitui-se de 8 à 10 sessões, que envolvem a Anamnese (entrevista com os pais), sessões com a criança compostas por jogos, testes e técnicas previamente planejadas, com o objetivo de eliminar hipóteses para o aparecimento da queixa que motivou o atendimento psicopedagógico.

O jogo é um momento em que a criança poderá se sentir livre ao mesmo tempo que é observada e analisada. Moschini e Caierão (2015, p.364) afirmam

que é na arquitetura lúdica realizada pela criança, no ato dinâmico do brincar, que colhemos significativos elementos para conhecer e compreender o funcionamento cognitivo do sujeito e a partir dele realizar a devida intervenção psicopedagógica.

Através do brincar é possível observar de que maneira a criança se organiza, como interage com o novo, justificando sua importância como ferramenta de diagnóstico. O jogo é parte integrante e constituinte da prática psicopedagógica, sendo que já nas primeiras sessões, é frequente o psicopedagogo realizar a Hora do jogo.

De acordo com Paín (1985) a hora do jogo, busca principalmente analisar como ocorre a interpretação da criança, ao mesmo tempo que verifica o nível dos processos de compreensão e aquisição do conhecimento, a inter-relação da criança com o desconhecido ou o novo. Para tanto se faz a utilização de objetos não-figurativos.

De acordo com a definição da autora acima a Hora do Jogo desse seguir a seguinte metodologia. Previamente o psicopedagogo, faz a preparação de um caixa com diversos materiais, que serão utilizados livremente pela criança. “Utiliza-se uma caixa que contém paralelepípedos de construção, cartões, fita adesiva, clips, tesouras, cordões, cartolina, papeis coloridos, tintas, esponjas, massinha, percevejos, etc” (PAÍN, 1985, p.51).

Antes da utilização do material, é fundamental que a criança saiba o porquê do atendimento psicopedagógico, afinal de contas ela terá que brincar enquanto um desconhecido a observa. Antes de iniciar a manipulação é necessário que o psicopedagogo de a premissa “Aqui está uma caixa com muitas coisas para que brinques do que tu quiseres; enquanto tu brincas eu vou anotar o que vais fazendo”. (PAÍN, 1985, p.51)

Durante a avaliação da hora do jogo, é importante observar a aprendizagem e investigar o que está relacionado com a queixa. Ver o que faz, como faz, como organiza esse fazer em suas diversas facetas cognitivas, afetivo-sociais e corporais em suas ligações com o processo pedagógico. (SOUZA, MENDES, 2012, p.411).

Ao realizar a utilização do mesmo, em diagnóstico, é fundamental, observar os pontos acima citados, caso contrário a hora do jogo perde seu significado. De acordo com Paín (1985, p.55) existem quatro pontos mais importantes, que devem ser extraídos da hora do jogo: “a) Distância de objeto, capacidade de inventário; b) função simbólica, adequação, significante-significado; c) organização, construção da sequência; d) integração, esquema de assimilação. ”.

Este momento é indicado apenas para crianças até os 9 anos de idade. “A partir dos 10 anos, as crianças preferem jogos de regras e oferecer-lhes uma atividade superada (que não é novidade, a qual já possui bom domínio) costuma torna-las confusas e envergonhadas. Neste caso a hora do jogo é substituída por uma entrevista do tipo motivo da consulta” (PAÍN, 1985, p.52).

Subentende-se que como ferramenta diagnóstica, o jogo possibilita a criança a representação de questões sociais, oportunizando a compreensão de possível carências psicológicas. Fator este, que vai além de testes pré organizados, pois muitas vezes, quando a criança é questionada, principalmente por um estranho, as respostas podem não corresponder a realidade, e por meio do jogo, ela viabiliza as respostas, sem necessariamente verbaliza-las.

Além deste momento destinado especificamente ao uso do jogo, o psicopedagogo pode usar o jogo em mais situações do atendimento, com objetivos pré-estabelecidos de diagnóstico, no entanto, este se fará mais presente durante as intervenções. As mesmas sucedem o diagnóstico e buscam auxiliar a criança na aprendizagem. Segundo Souza e Mendes (2012, p. 412) “o objetivo primordial da intervenção psicopedagógica é fazer com que o ser aprendente seja protagonista do seu saber, não só no espaço educacional, como na vida em geral”.

Ao reportar-se ao espaço educacional, as crianças quando apresentam dificuldades, costumam desgostar das atividades restritamente educacionais. Este ponto, exige que o psicopedagogo, busque um ponto de equilíbrio para que não se pareça com a escola, nem com um espaço que proporciona apenas o divertimento das crianças.

Ao compreender que a aprendizagem, ocorre por meio do prazer, o jogo se caracteriza numa ferramenta de aprendizagem importante, pois é a partir dele, que o psicopedagogo poderá fazer as intervenções, sem que a criança tenha a consciência de que está aprendendo. “Utilizando o jogo como recurso, as sessões psicopedagógicas se distanciam dos paradigmas escolares e a aprendizagem se torna prazerosa e produtiva” (SOUZA, MENDES, 2012, p.412).

Neste sentido, o atendimento psicopedagógico, deve levar a criança a recuperar o prazer por aprender, dando significado ao trabalho, como afirmam Moschini e Caierão (2015, p. 363) “podemos considerar que o objetivo do trabalho psicopedagógico é auxiliar a recuperação do prazer perdido de aprender e a autonomia do exercício da inteligência, a partir da recuperação do prazer de jogar”.

O psicopedagogo, pode se valer de diversos tipos de jogos, no entanto deve ter objetivos claros para o uso dos mesmos.

Ao utilizar jogos, é preciso ficar claro o porquê, para quem, quais recursos utilizar. Esse tipo de atividades lúdicas pode ser considerado como uma intervenção de caráter preventivo ou curativo. Nesse caso é preciso identificar qual dificuldade e criar condições favoráveis para superação. (RODRIGUES, 2016, p. 09).

O caráter lúdico da atividade permite que o aprendente trabalhe de forma positiva com seus fracassos, sendo que o jogo constitui um espaço em que perder não acarreta em consequências. O jogo possibilita que a criança construa em parceria com o psicopedagogo sua aprendizagem, ao mesmo tempo em que joga, traça possibilidade, aprende a pensar simbolicamente, aceita o erro e aprende com ele.

Sendo assim, compreende-se que o jogo é fundamental no trabalho psicopedagógico, pois este é o espaço em que se diagnostica o real, e se trabalha com o potencial, lembrando de Vigostki (1996) que sabiamente coloca, que o adulto é a pessoa responsável por promover as interações que levarão a criança ao seu potencial, está interação pode ser desenvolvida através do jogo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento da aprendizagem, requer instrumentos, dedicação e continuidade. Sem o desenvolvimento da aprendizagem, torna-se difícil imaginar um convívio social efetivo e harmonioso. O trabalho do psicopedagogo, vem ocupando espaço complementando ao trabalho já realizado nas escolas, principalmente ao se tratar de crianças com distúrbio de aprendizagem.

Nas dificuldades de aprendizagem, o trabalho do psicopedagogo, serve para promover e ajudar a criança na dificuldade momentânea, que por meio da sua ajuda, será capaz de atingir as “metas” proposta para a etapa em que a criança se encontra. O aluno será capaz disso, por meio de um trabalho diferenciado, com metodologias e instrumentos diferentes dos usados na sala de aula.

O trabalho do psicopedagogo, é com a totalidade da criança, por isso, a sua formação é realizada a partir de várias áreas de conhecimento, a psicologia, a pedagogia, a neurociência, entre outras áreas que buscam compreender e auxiliar o desenvolvimento integral das pessoas.

O espaço psicopedagógico, se difere de uma escola, assim como o trabalho nele realizado. É necessário que o profissional psicopedagogo, tenha não apenas conhecimento teórico, mas que saiba escolher o seu material, a ponto de se aproximar da criança por meio do afetivo, oferecendo-lhe possibilidades de evoluir de forma prazerosa e saudável.

Os jogos, são ótimas ferramentas educacionais, presentes do cotidiano das pessoas a centenas de anos. Inicialmente, com objetivo de reproduzir tarefas realizadas pelos adultos, em seguida uma possibilidade de desenvolver a linguagem e o imaginário, e por fim, uma ferramenta educacional que é capaz de trabalhar as mais diferentes habilidades e competências.

Devido sua funcionalidade, o jogo ocupa um espaço importante no atendimento psicopedagógico, seja durante o diagnóstico, seja durante a intervenção. O jogo permite ao psicopedagogo, durante o diagnóstico, observar a criança como um todo, corpo e mente, como se movimenta, de que forma expressa seus sentimentos, como usa os materiais, nível de compreensão e linguagem.

Durante a intervenção, o jogo é escolhido de forma seletiva, com o objetivo de desenvolver característica observadas no momento do diagnóstico. A mesma regra se estende a intervenção, objetivos bem estabelecidos, e acima de tudo, o psicopedagogo deve compreender bem o jogo. Os jogos devem ser dos modelos mais simples, para que a diversidade não seja mais atrativa criança do que o jogo em si.

Os jogos nos atendimentos psicopedagógicos, oferecem tanto ao profissional quanto ao paciente, um momento de total atenção ao mesmo tempo em que fortalece os laços de confiança. Desta forma conclui-se que é de grande valia, o uso de jogos no espaço psicopedagógico, por torna a aprendizagem prazerosa, e oferece a criança novas possibilidade de aprendizagem, aumentando sua autoestima.

Conclui-se, que atualmente o psicopedagogo desempenha um papel importantíssimo na sociedade, garantindo que muitas crianças tenham a oportunidade de aprender em seu tempo, de acordo com suas potencialidades. Tornando esta aprendizagem prazerosa, desenvolvendo na criança o desejo de aprender mais sempre.

**BIBLIOGRAFIA**

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia clínica: o despertar das potencialidades**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ANJOS, Elza Karina Oliveira dos. DIAS, Juliana Rocha Adelino. **Psicopedagogia: sua história, origem e campo de atuação.** Revela, 2015. Disponível em: <http://fals.com.br/revela/ed18/elza_anjos.pdf> Acesso em: 03/01/19

BOSSA, Nádia A. **A psicopedagogia na Brasil: contribuições a partir da prática.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

FURTADO, Valéria Queiroz. **Dificuldades na aprendizagem da escrita: Uma intervenção psicopedagógica via jogos de regras.** Petrópolis: Vozes, 2008

LEONTIEV, Alexis N. **Uma Contribuição a Teoria da Psique do Desenvolvimento Infantil**. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

LURIA, Alexander Romanovich. **Vigotski.** In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

MOSCHINI, Rosanita. CAIERÃO, Iara. **O brincar na clínica psicopedagógica.** Porto Alegre: RS, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v32n99/09.pdf> Acesso em: 10/01/19

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PICCOLO, Gustavo Martins. **O jogo por uma perspectiva Histórico-Cultural.** Campinas, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338541013.pdf> Acesso em: 04/01/19.

RODRIGUES, Vânia. **O Lúdico na Psicopedagogia: os jogos como fator de desenvolvimento infantil.** João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2643/1/VRS24112016.pdf> Acesso: 15/01/19

SOUZA, Gleicione Dias Bagne de. MENDES, Pilar Mariana Assaf. **A importância do jogo no atendimento psicopedagógico.** MG, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41548550-A-importancia-do-jogo-no-atendimento-psicopedagogico.html> Acesso em: 12/02/19.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **O desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia Clínica, uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 14 eds. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

1. O estudo refere-se a utilização dos jogos nos atendimentos psicopedagógicos, conceituando os jogos sob uma perspectiva históricos cultural. [↑](#footnote-ref-1)
2. STAUB. M – Marilete Staub, licenciada em Pedagogia pela UCEFF de Itapiranga (2017), especialização em Gestão Escolar pela Uniasselvi (2017) e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCEFF de Itapiranga(2019). Professora de educação básica, anos iniciais no município de Itapiranga. Email: smarilete.f@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. SKRSYPCSAK. D – Daniel Skrsypcsak, graduação em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (2001) e mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2007). É professor da UCEFF de Itapiranga. Email: dskrsypcsak@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)